

Trindade: paradigma para a comunicação humana

Trinité: paradigme pour la communication humaine

*Leomar Nascimento de Jesus**

Resumo: O presente artigo é uma reflexão sobre alguns aspectos da Teologia da Comunicação, cujo escopo principal é apresentar a comunicação trinitária como fonte (da) e paradigma para a comunicação humana. Na primeira parte de nosso trabalho damos ênfase à comunicação da Trindade em sua dimensão imanente. Em seguida, refletimos sobre a comunicação humana à luz do amor e da comunhão vividos pelas Pessoas Divinas. Na terceira parte damos destaque ao caráter econômico da Trindade na história, ou seja, buscamos elucidar as manifestações das Pessoas Divinas com e para o mundo. A intenção do presente artigo é enaltecer o modelo de comunicação trinitária e enfatizar o quanto este paradigma divino pode influenciar positivamente as relações humanas, em todos os seus âmbitos e na sociedade em geral.

Palavras-chave: comunicação trinitária; Cristo comunicador; incomunicação; comunicação humano-divina.

Abstract: Le présent article est une réflexion sur quelques aspects de la Théologie de la Communication, dont le principal but est de présenter la communication trinitaire comme source (de la) et paradigme pour

* Pe. Leomar Nascimento de Jesus é sacerdote católico da Diocese de Santo Amaro - São Paulo, há doze anos. Coursou a filosofia (curso seminarístico), no Instituto São Boaventura, pertencente à própria diocese. Concluiu a Teologia pela Pontifícia Universidade Nossa Senhora da Assunção, em 2001, convalidando-a em 2009, pela Faculdade Dehoniana, em Taubaté. Em 2010 iniciou mestrado na Área de Teologia Pastoral, concluindo-o em março de 2012. Atualmente se é aluno ouvinte da USP, aspirante ao doutorado em comunicação.

la communication humaine. Dans la première partie de notre travail, nous mettons l'accent sur la communication de la Sainte Trinité dans sa dimension immanente. Tout de suite après, nous réfléchissons sur la communication humaine à la lumière de l'amour et de la communion vécus par les trois Personnes Divines. Dans la troisième partie de cette oeuvre nous mettons l'accent sur le caractère économique de la Trinité dans l'histoire humaine, c'est à dire, nous cherchons à élucider les manifestations des Personnes Divines avec et pour le monde. L'intention du présent article c'est d'exalter le modèle de communication trinitaire et d'insister sur combien ce paradigme divin peut influencer positivement les rapports humains, dans tous les domaines et dans la société en général.

Mots clefs: communication trinitaire; le Christ communicateur; incom-
munication; communication humaine-divine.

Introdução

A comunicação, uma das principais características do ser humano, é um fenômeno em contínuo processo de evolução. Dos primeiros gestos e sinais do homem da pedra até os mais modernos instrumentos de comunicação, nos damos conta da fundamental importância desta condição humana, uma vez que projeta o ser humano para fora de si, tornando-o um ser capaz de relações, que se constrói não isoladamente, mas entrelaçado com outras vidas e, ao mesmo tempo, numa relação contínua com a realidade que o cerca.

Em todos os recônditos do mundo, mesmo naqueles lugares onde os canais de comunicação não foram ainda democratizados, já se pode sentir o impacto destes instrumentos – chamados *mass media*¹ ou simplesmente *mídias*² – no comportamento do ser humano, seja

¹ “Termo anglo-saxão do início do século XX utilizado para caracterizar o conjunto dos meios de comunicação de massa, especialmente as cadeias suprarregionais de difusão, inicialmente em rádio e nos veículos impressos, jornais e revistas, que passaram a ter tiragens em alta escala”, cf. MARCONDES FILHO, C. Mass Media. In: MARCONDES FILHO, C. (org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 242.

² “Redução da forma original *mass media*”. Cf. MARCONDES FILHO, C. Mídia. In: MARCONDES FILHO, C. (org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 249.

no âmbito da vivência religiosa, no modo de exercer a política, na maneira de socializar princípios morais, na educação, entre outros.

A comunicação social, tal como se encontra hoje, com suas mais sofisticadas e progressivas formas de expressão, com sua presença que perpassa todos os ambientes e contextos da sociedade, é, de fato, um fenômeno que abarca a totalidade da vida humana, atingindo o ser humano em todas as suas faculdades.

Se este progresso no campo da comunicação causa admiração e fascínio à mente e ao coração humano, ao mesmo tempo é causa de grande preocupação, uma vez que pode servir a intenções nem sempre nobres, nem sempre construtoras de um mundo conforme o sonhado e projetado por Deus. O risco é ainda maior diante do alcance cada vez mais amplo e cada vez mais penetrante na consciência dos seres humanos e, por consequência, nas sociedades.

Eis porque, neste trabalho, nós nos dedicaremos a alguns aspectos da Teologia da Comunicação, de modo especial apresentando a Trindade como fonte (da) e paradigma para a comunicação humana. Aqui queremos enfatizar que a faculdade humana da comunicação é, na verdade, um dom de Deus, que se revela enquanto comunidade, como um Deus relacional e que torna o ser humano participante de seu dinamismo comunicacional. Neste sentido, o modo de comunicação das Pessoas Trinitárias deve ser o grande paradigma, em outras palavras, o modelo e a força que devem inspirar as relações humanas, o modo de se comunicar dos seres humanos em sociedade.

Na primeira parte deste artigo, daremos ênfase à comunicação na Trindade em sua dimensão imanente, ou seja, aos aspectos relacionados à comunicação das Pessoas Divinas na esfera de sua vida intratrinitária, que se expressam em doação mútua e em comunhão plena.

Na segunda parte refletiremos a comunicação humana à luz deste amor e desta comunhão plenos das Pessoas Divinas. Aqui insistiremos sobre na Trindade como fonte e ao mesmo tempo como paradigma para a comunicação humana, não somente no nível de suas relações interpessoais imediatas, mas também enquanto ser humano inserido numa determinada sociedade.

Na terceira e última parte de nossa presente reflexão, daremos destaque ao caráter *econômico* da Trindade, ou seja, procuraremos

elucidar as manifestações das Pessoas Divinas com e para o mundo, sua atuação na história concreta da humanidade e a importância deste paradigma de comunicação para iluminar a atividade comunicativa do ser humano e das sociedades nas quais está inserido.

A intenção deste trabalho é enaltecer o modelo de comunicação vivida pela Trindade e enfatizar o quanto este paradigma divino pode influenciar positivamente as relações humanas, em todos os seus âmbitos e na sociedade em geral, potencializando as capacidades de respeito, de comunhão e de tantas outras virtudes que tornam a convivência humana plena de sentido.

I – Comunicação na Trindade Imanente

Discorrer sobre a Trindade é sempre refletir sobre um dos grandes mistérios da fé cristã. Não podemos fazê-lo senão por analogia, por aproximação, já que tal mistério de fé não cabe em nossos pobres critérios humanos, mas os extrapola e desafia.

Diante dele devemos nos postar com grande humildade: sem a pretensão de esgotar sua riqueza, mas ao mesmo tempo sem aquela resignação teológica que, reconhecendo a inesgotabilidade do mistério trinitário, se subtrai à busca de uma maior aproximação do que ele pode significar e da incidência de sua compreensão no contexto concreto de nossa vida em coletividade, e aqui, de modo especial, na realidade da comunicação humana.

Nossa intenção nesta primeira parte, não é fazer um tratado sobre a Trindade, mas é pontuar alguns elementos da teologia trinitária que consideremos fundamentais para embasar nossa reflexão, bem como para nos fazer compreender nas partes subsequentes deste trabalho.

Trindade Imanente e Trindade Econômica

Antes de tudo, precisamos recuperar duas expressões desenvolvidas por Karl Ranher (1904-1984) e que marcaram profundamente a reflexão sobre o mistério trinitário nos tempos modernos. Trata-se dos termos “Trindade Imanente” e “Trindade Econômica”. Assim, ao nos referirmos à Trindade Imanente estamos nos remetendo ao mistério do Deus-trino em si mesmo, ao aspecto transcendente e inesgotável da

realidade divina, à vida intratrinitária, ou seja, à relação interna entre as Pessoas Divinas e do mistério da processão trinitária. Por outro lado, quando nos referimos à Trindade Econômica, estamos fazendo referência à presença e à atuação das três Pessoas Divinas – distintas enquanto pessoas, mas um mesmo Deus enquanto substância – que age no universo concreto da vida humana. Em outras palavras, a Trindade Econômica é a revelação de Deus na história, mediante a missão de cada uma das pessoas divinas.

Um Deus “relação”

Perscrutando as Escrituras, teólogos de várias épocas – desde os primeiros passos da Igreja e não sem muitas polêmicas – vão formulando a doutrina de que Deus se revela à humanidade paulatinamente como sendo um Deus relacional e essencialmente comunicador. Ele não é a solidão do “um”, mas é o Deus uno que se revela na comunhão fecunda de três pessoas distintas em sua “hipóstases”, mas único em sua “homoousios”.³ Na Trindade encontramos o princípio genuíno de toda comunicação. E, na linguagem teológica, quando nos referimos à comunicação, estamos falando de relação de amor, de comunhão.⁴ A comunhão não somente está no princípio da comunicação, mas é também o seu resultado. Na Trindade tudo é relação de amor, de gratuidade, de alteridade.

No princípio está não a solidão do Um, de um Ser eterno, sozinho e infinito. Mas, no princípio, está a comunhão dos três Únicos. A comunhão é a realidade mais profunda e fundadora que existe. É por causa da comunhão que existem o amor, a amizade, a benquerença e a doação entre as pessoas humanas e divinas.⁵

³ Termos que significam respectivamente “pessoas” e “substância”. Cf. Trindade. In: LASCOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Edições Loyola, 2004.

⁴ Cf. DECOS-CELAM. *Para uma Teologia da comunicação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984, n. 76.

⁵ BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 29.

Assim, Deus se dá a conhecer como Pai, Filho e Espírito Santo, e toda experiência divina feita na história é trinitária no sentido imamente e econômico.

Deus é amor

Embora Deus, no abismo insondável de seu mistério, não possa ser definido de forma a que esgotemos o que de fato ele seja, podemos ao menos afirmar que o conceito bíblico que mais se aproxima de sua profunda natureza nos é dado pelo evangelista S. João: “Deus é amor” (IJo 4,8).⁶ Deus é todo amor. E, na tradição bíblica, amor significa doação total e incondicional de si (Jo 3,16), mistério e revelação, capacidade de escuta e resposta, capacidade de se relacionar e de se completar, respeito à diversidade, comunicação da verdade.

Toda a vida intratrinitária é pautada por este dinamismo de amor recíproco. A comunicação entre as pessoas divinas é comunicação da verdade e na verdade, sua comunicação está absolutamente fundada na verdade e visa sempre a comunhão e nunca a separação. Como bem expressa o Departamento de Comunicação do Conselho Episcopal Latino-Americano:

“A vida divina é comunhão trinitária... perfeita intercomunhão de amor” (DP 212), através da qual as três Pessoas divinas vivem comunicando-se – eterna e plenamente – toda sua riqueza pessoal umas às outras. Nisso consiste a existência e a felicidade do Deus que criou o homem semelhante a Si: é um Deus de amor, de comunicação e comunhão.⁷

Seu modo de se comunicar leva em consideração a diversidade do outro, já que embora sendo iguais em sua natureza e agindo sempre conjuntamente, em íntima união, cada uma das três Pessoas trinitárias tem sua missão específica na economia da salvação:

Todas as ações *ad extra* (para fora da Trindade), dentro da criação, devem ser atribuídas às três Pessoas divinas conjuntamente. Entretanto, a liturgia e a piedade atribuem, em razão de certa afinidade, a

⁶ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n.76.

⁷ DECOS-CELAM. Op. cit., n. 76.

alguma Pessoa ações que em si pertencem às três. Assim se atribui ao Pai a criação, porque Ele é dentro da Trindade o gerador e inspirador (junto com o Filho); ao Filho se atribui a revelação porque Ele é na Trindade a expressão e *revelação* do Pai; atribui-se a Ele a redenção porque foi Ele quem se encarnou e nos libertou; atribui-se ao Espírito Santo a *santificação* porque Ele é chamado, por excelência, o Santo. Tais ações são *apropriadas* por esta ou aquela Pessoa, embora sejam comuns à três.⁸

Pericórese trinitária

Este modo de autocomunicação, que produz uma comunhão profunda entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nos permite contemplar a plena interpenetração das Pessoas divinas entre si. Trata-se de uma interpenetração de amor, de um dom mútuo vivido pelas pessoas trinitárias que, na teologia, recebe o nome de *Circunsessão ou Pericórese*,⁹ e que deverá inspirar as relações entre os seres humanos. Abaixo transcrevemos também a definição destes termos a partir de Leonardo Boff:

Tal realidade [de interpenetração de amor entre as pessoas divinas] é expressa pela palavra grega *pericórse* ou pelas latinas *circuminsessão* ou *circumincessão*. Como a filologia dos termos sugere, significa: a coabitação, coexistência e a compenetração das Pessoas divinas entre si. Há uma circulação total da vida e uma coigualdade perfeita entre as Pessoas, sem qualquer anterioridade, ou superioridade de uma à outra. Tudo nelas é comum e é comunicado entre si, menos aquilo que é impossível de comunicar: o que as distingue umas das outras. O Pai está todo no Filho e no Espírito; o Filho está todo no Pai e no Espírito Santo; e o Espírito Santo está todo no Pai e no Filho. Daqui derivamos a utopia da igualdade, respeitadas as diferenças, da comunhão plena e das relações justas para a sociedade e a história.¹⁰

⁸ BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 122.

⁹ Cf. FANTINO, J. *Circunsessão/Pericórese*. In: LASCOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 388-389.

¹⁰ BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Op. cit., p. 121-122.

Cada uma das Pessoas, como já mencionamos, tem o seu papel específico, mas cada uma exercendo-o em comunhão com a outra. Trata-se de um processo de relações que se expressa em uma profunda unidade, na diversidade. Em outras palavras, conforme nos diz Joana T. Puntel, trata-se de “um processo relacional dinâmico, expresso através da pluralidade, sempre respeitando as diferenças, as identidades.”¹¹ Na Trindade não há exclusão, mas perfeita intercomunhão de amor.

Somos levados a admitir, a partir do que até agora dissemos, que a comunidade divina, na sua essência mais profunda, é comunicação de amor. Um amor autêntico que se concretiza na reciprocidade e na alegria da presença do outro. Este elemento da relação Trinitária deve inspirar as relações humanas: a comunicação entre os seres humanos deve ser um acontecimento que gere alegria, inclusão e complementariedade; deve ainda ser um instante vivido com prazer e não como mera obrigação. Conforme ainda aponta Joana Puntel: “[...] É ali, na Trindade, que se dão as relações, em meio a uma pluralidade e respeito às diferenças; é ali que se realiza articulação do amor, mediante a geração de vida; que se dá o transbordamento de vida, mediante a Criação e a Encarnação.”¹²

Aos nos reconhecermos como imagem e semelhança deste Deus relacional e comunicador (cf. Gn 1,26), somos conduzidos a admitir que o dom da comunicação que portamos em nossa estrutura ontológica não é senão uma dádiva recebida do Criador para ser colocada em prática. Somos convidados a concretizar e a atualizar este modo trinitário de se comunicar no universo complexo de nossas relações humanas. Neste sentido, refletiremos a seguir a comunicação humana à luz da Trindade Imanente.

II – Comunicação humana à luz da Trindade Imanente

O dom da comunicação é, de fato, uma das mais relevantes características humanas. Trata-se “do mais primário, profundo e multiforme

¹¹ PUNTEL, J. T. Teologia da comunicação e os desafios da evangelização inculturada. *Espaços*, São Paulo, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 31-43, [junho] 1994, p. 32.

¹² Cf. *Ibid.*, p. 31.

instinto do ser humano.”¹³ Somos seres necessitados de comunicação. “A comunicação é um traço mais característico da história humana do que da natureza cósmica. Refletir teologicamente sobre a comunicação é refletir sobre um fenômeno essencialmente humano.”¹⁴

Esta necessidade de comunicação se dá em todos os níveis de nossa existência. Biologicamente, a vida do homem está condicionada à sua comunicação com o meio ambiente, de onde lhe vem todo o necessário para a sua subsistência. Para existir, o ser humano precisa estabelecer uma relação com o meio onde vive, que inclui os seus semelhantes, mas que engloba também o seu modo de lidar com a natureza em geral e com o mundo que o cerca. A própria perpetuação da espécie humana, utilizando uma linguagem meramente biológica, está condicionada pela comunicação dos corpos do homem e da mulher que, impelidos pelo instinto sexual, geram novos seres.¹⁵

Em termos psicológicos, todo ser humano não consegue conceber sua própria existência sem uma interligação com seus semelhantes.¹⁶

A comunicação pessoal ou interpessoal é a mais primária e decisiva para as pessoas. Talvez seja também com frequência a mais difícil e complexa. As modernas teorias da psicologia e da pedagogia o reconhecem. Condicionada pelos traços de caráter e psicológicos das pessoas, ela é ao mesmo tempo fator decisivo na constituição e evolução da personalidade. A relação interpessoal nos níveis primários do grupo familiar constitui um dos fatores decisivos no processo de socialização. O êxito na comunicação interpessoal coincide de alguma forma com o êxito na realização da pessoa.¹⁷

Apesar das exigências da comunicação interpessoal, nenhum ser humano é uma ilha ou consegue viver uma vida salutar permanecendo isolado. A espécie humana traz em si a marca da comunicação, o desejo de ir ao encontro do outro, de dividir sonhos e dores, de compartilhar experiências e dons, de entrelaçar a sua vida com a vida de outros. Para além de tudo, cada pessoa humana sente vibrar em suas

¹³ DECOS-CELAM. Op. cit., n. 73.

¹⁴ Díez, F. M. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 51.

¹⁵ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n. 69.

¹⁶ Cf. *ibid.*, n. 70.

¹⁷ Díez, F. M. Op. cit., p. 52.

entranhas a força latente de sua sexualidade, que o leva ao encontro do outro, diverso de si, tornando-se um comunicador de vida.¹⁸

No que diz respeito ao aspecto social, o ser humano tem a necessidade de viver em comunidade, de vencer o isolamento e se integrar numa comunidade humana, de se unir a outros na busca de ideais, de se organizar com seus semelhantes para que a vida em comunidade quer na família, num bairro ou na vida da sociedade em geral, seja mais harmoniosa e corresponda aos seus anseios profundos.¹⁹

O ser humano emprega a comunicação para expressar ideias e sentimentos, orientar-se, coagir, narrar histórias, persuadir, exercer controle, conectar-se ao mundo, manipular, transmitir conhecimento, organizar seu pensamento e suas atitudes. A comunicação pressupõe sempre alguma forma de interação entre os seres humanos.²⁰

Religiosamente, o ser humano sente um grande anseio, ainda que oculto, de se comunicar com Deus, como aquele Ser que dá sentido à suas lutas e sofrimentos, que dá fundamento à sua dignidade e proporciona sentido à sua vida.²¹ Mesmo que, frequentemente, haja na atualidade uma rejeição por parte de nossos contemporâneos em relação a todo tipo de certeza, seja ela de cunho científico ou cultural; ou ainda de cunho político ou histórico, mas, sobretudo, em relação a instituições e infabilidades religiosas, o ser humano permanece um incansável peregrino em busca de algo que transcenda o meramente óbvio, o meramente contingente.²² E para ter acesso a esse Ser ou a essa realidade que o transcende, a humanidade precisará sempre de mediações do universo temporal e humano.

Não há acesso direto ao seu conhecimento [de Deus]. O homem somente tem acesso ao conhecimento e ao discurso sobre Deus através de realidades temporais. Trata-se da revelação, da fé ou

¹⁸ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n. 70.

¹⁹ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n. 71.

²⁰ DOS SANTOS, R. E. *As teorias da comunicação: da fala à internet*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 9.

²¹ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n. 72.

²² Cf. NOLAN, A. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 25-32.

de qualquer outro tipo de conhecimento, o discurso sobre Deus está sempre mediado pelo cosmos e pela história, pelas realidades naturais ou culturais.²³

O ser humano é capaz de comunicar-se. Ele pode – ainda que de forma limitada – partilhar com os outros seus sentimentos, conhecimentos, experiências e sonhos. Suas palavras e gestos, seu silêncio e a multiplicidade de suas aptidões naturais são instrumentos de comunicação. A qualidade de sua vida dependerá, em grande escala, da forma como ele se comunica. “Na medida em que se comunica devidamente, o homem vive, cresce, matura, é fecundo e feliz.”²⁴ O contrário também é verdade. À medida que vive a incomunicação, ou seja, a comunicação deformada, o ser humano se extravia por um caminho que mina sua existência, tirando-lhe o sentido da vida e levando-o à morte.²⁵

A comunicação é para a pessoa centro de gravidade. Ele próprio fruto da comunicação, o ser humano torna-se pessoa comunicando-se. Comunicar-se é confrontar-se com os demais, colocar-se diante deles, olhar-se de frente, expressar-se de frente. Nestes gestos estão em jogo as experiências mais profundas da existência humana: o amor e o ódio, a comunhão e a solidão. Neste esforço pela comunicação pessoal estão em jogo o doce sabor do êxito ou a amargura do fracasso humano.²⁶

A comunicação humana: um dom divino

A faculdade da comunicação, que segundo a Instrução Pastoral *Communio et Progressio* tem como fim primordial a comunhão e o progresso da convivência humana,²⁷ embora sendo uma atividade tipicamente humana, não tem origem no próprio homem. A presente

²³ DÍEZ, F. M. Op. cit., p. 30.

²⁴ DECOS-CELAM. Op. cit., n. 73.

²⁵ Cf. DECOS-CELAM. Op. cit., n. 73.

²⁶ DÍEZ, F. M. Op. cit., p. 11.

²⁷ Cf. COMISSÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Communio et Progressio: sobre os Meios de Comunicação Social*. (1971). São Paulo: Edições Paulinas, 1971, n. 1.

Instrução Pastoral, logo na primeira parte do texto, evidenciará que a comunicação humana é, na verdade, um dom da Santíssima Trindade ao ser humano para que, ao seu exemplo, assuma os valores e os princípios eternos vividos entre as três pessoas divinas:

[Por sua vez], esta união e solidariedade entre os homens [...] encontra, segundo a fé cristã, seu fundamento e figura no mistério primordial da intercomunicação eterna entre o Pai, o Filho e Espírito Santo, que vivem a única vida divina.²⁸

Assim, o dom da comunicação humana lhe vem do Deus revelado em Jesus Cristo, pela força do Espírito Santo. Um Deus que, como vimos na primeira parte desta reflexão teológica, se revela como sendo essencialmente comunicador, um Deus comunidade, que inspira nossas relações pessoais, nosso modo de nos comunicar e de viver em comunidade, nossa maneira de organizar a sociedade, um Deus que nos cria para a vivência comunitária e nos conduz à comunhão.

O dom da comunicação humana, tendo sua fonte em Deus, que é sempre dinâmico e criativo, se aperfeiçoa continuamente, à medida que o ser humano desenvolve suas mais variadas capacidades cognitivas. Embora os meios tenham sido diversos, desde o surgimento do *homo sapiens*, os seres humanos procuraram não somente se comunicar, mas também buscaram aprimorar os seus instrumentos de comunicação. Dos gestos e do balbuciar dos primeiros humanos até aos mais atuais instrumentos do mundo digital,²⁹ tais como o telefone celular,

²⁸ Ibid., n. 8.

²⁹ Frei Antônio Moser faz algumas distinções semânticas interessantes de alguns termos do universo da comunicação. Nós os elencamos a seguir (o grifo é nosso). *Comunicação de Massa*: “Tem seu foco nos rádios e TVs. Ainda que possibilitem alguma interação entre emissor e receptor, a característica da comunicação de massa encontra-se justamente na homogeneização do pensamento, e, de alguma forma, na despersonalização dos ouvintes e espectadores.” *Mídia*: “Conjuntos de equipamentos, tecnologias e linguagem criados para circularem de tal forma que ofereçam escolhas e atendam aos gostos das pessoas. A cultura das mídias, mesmo com toda sua riqueza, no fundo, apresenta um quadro bastante estático, sugerido por alguns procedimentos e algumas ferramentas: xérox, CDs, DVDs, TV a cabo etc.” *Mundo Digital*: “O que caracteriza a digitalização é o fato de ela ter no computador sua expressão máxima. Através do computador são possibilitadas quase incontáveis operações simultâneas. A digitalização engloba a comunicação de massa e a mídia. Os espectadores passam a se transformar em usuários, criadores, produtores, apresentadores, difusores. Todos podem interagir. Na digitalização espaço e tempo mu-

a televisão, a internet e a parafernália de tecnologias conectadas em rede mundial, o ser humano revelará o poder instintivo de comunicação que traz dentro de si.

Insistimos, nesta segunda parte da presente obra, sobre este fenômeno humano da comunicação humana, partindo do modelo ou paradigma Trinitário, que é fonte e mesmo tempo inspiração para que a humanidade caminhe rumo à comunhão e ao progresso integral de si, tanto em nível pessoal quanto em nível comunitário.

Este Deus relacional, como veremos a seguir, não se limita à sua comunicação *ad intra*, mas manifesta o desejo de transbordar a riqueza de sua comunicação amorosa ao procurar o ser humano e a criação, fazendo-os participar das riquezas insondáveis de seu amor.

III – Trindade Econômica: manifestações com e para o mundo

Ao perscrutar as Escrituras podemos constatar que elas nos revelam um Deus em sua essência comunicador, que não se limita à sua comunicação intratrinitária, mas que extrapola o mundo íntimo da Trindade, comunicando-se com o ser humano, transmitindo-lhe amor e tornando-o capaz de amor: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Lançando mão das palavras de Díez:

O Deus da revelação judaico-cristã não é somente um Deus comunitário e comunicado para o interior de si mesmo. É um Deus “extrovertido,” um Deus que sai de si mesmo e se projeta para além de si mesmo em gestos sucessivos de comunicação.³⁰

Constatamos, assim, que a comunicação de Deus com o ser humano, no Antigo Testamento, ou mais convenientemente dito, na Primeira Aliança, aconteceu através de vários caminhos. Ao criá-lo

dam de significado: de qualquer lugar do mundo se pode acessar qualquer outro lugar do mundo; a qualquer momento, com um toque de segundos, pode se trazer uma infinidade de arquivos do passado para o presente; pode-se gerar e deletar novas realidades. Passado, presente e futuro deixam de ser o que eram, numa espécie de paradoxal eternização e volatilização do tempo e do espaço.”, cf. MOSER, A. Ética e nova condição comunicativa. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 67, n. 266, [abr.] 2007, p. 270-271.

³⁰ DÍEZ, F. M. Op. cit., p. 147.

Deus lhe comunica a vida e lhe dá condições para ser cocriador, à Sua imagem e semelhança. A partir de Abraão, cuja circuncisão é o sinal de uma Aliança, Deus se comunica escolhendo um povo que será portador da salvação para todos os povos. No contexto do Êxodo, Deus se comunica libertando o povo eleito da opressão egípcia, pela mediação de Moisés.

E, apesar da ingratidão dos hebreus, manifestada através de constantes murmurações e indiferença às intervenções de Deus, no caminho do deserto, em direção à terra prometida, Ele não desiste de se comunicar com o seu povo. Em várias outras ocasiões de fechamento do povo de Israel em relação à iniciativa comunicadora de Deus, este nunca abrirá mão de seu desejo infinito de entrar em diálogo e comunicação com a criatura amada.

Neste processo de insistência amorosa por parte do Criador surgem os profetas que serão os grandes arautos e mediadores da comunicação de Deus com o seu povo. É, sobretudo, na Primeira Aliança, através dos profetas, que Deus reconduzirá Israel, sempre propenso ao fechamento sobre si e aos tropeços de suas ambiguidades, ao caminho da comunhão com Ele.

A encarnação

Mas Deus não se contentou de se comunicar com o gênero humano através de mediações humanas, tais como os patriarcas, juízes e profetas. Ele mesmo, na pessoa de seu Filho Unigênito, quis assumir nossa humanidade, para redimi-la e conduzi-la à comunhão plena, tanto entre os seres humanos, quanto destes para com Ele. Isto leva o autor da carta aos hebreus a afirmar que: *“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelos quais fez os séculos”* (Hb 1,1-2).

Portanto, a revelação de Deus que se deu na Primeira Aliança pela profecia e pela *Torah* (Mt 17,1-8) se encarna agora na pessoa de Cristo, tornando-se pessoa, um ser de carne e osso que traz em si as naturezas humana e divina. O Verbo encarnado não veio somente instruir o ser humano, mas revelar-lhe o estilo de vida da Trindade

e introduzi-lo no Mistério Trinitário, tornando-o capaz de Deus, divinizando-o, comunicando-lhe a salvação que vem de Deus.

Um Deus empático

Muito mais do que simplesmente assumir nossa humanidade, Deus, na pessoa de seu Filho encarnado, se submete a descer ao nível de nossa fragilidade, revelando-se como um Deus empático, que se coloca no lugar do ser humano, que vivencia experiências tipicamente humanas, tais como os limites do tempo, do corpo, do espaço e da cultura. Ao nascer pobre entre os pobres, Cristo assume nossa pobreza e nos enriquece com os verdadeiros valores do Reino (Lc 2,22-24); ao passar pela experiência da solidão, da traição e do abandono (Mt 26,36-74), o Verbo encarnado nos ensina o caminho de superação que passa sempre pelo abandono incondicional às mãos de Deus; ao morrer na cruz e ao ressuscitar (Mt 26,50; Mt 28,5-6), Cristo nos ensina que para além do horizonte limitado desta vida, marcada por contrariedades e sofrimentos, está a vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte.

Este movimento condescendente de Deus é fundamental para a comunicação humana, pois revela a importância que na comunicação ocupa a capacidade de escuta, de colocar-se no lugar do outro, de experimentar em si as dores e alegrias do outro, para assim estabelecer um diálogo frutífero, que produza verdadeira comunhão.

O Verbo encarnado é, pois, o coroamento da pedagogia comunicativa de Deus, que busca o ser humano para com ele se comunicar e transmitir-lhe as riquezas insondáveis de seu amor.

O comunicador perfeito

Cristo é, pois, o Verbo eterno do Pai e com Ele está em plena e eterna comunicação, dinamizada pelo Espírito. Ao se encarnar em nossa realidade, Cristo se faz comunicação e Signo total do Pai. Ele armou entre nós sua tenda (cf. Jo 1,14), assumiu a natureza humana como meio de revelar sua vontade. Em Jesus de Nazaré, encontramos na sua natureza humana o código da comunicação divina, o *modus vivendi* da Trindade. A lágrima, o gesto, a caminhada, a dor, a morte, o mistério, os milagres, enfim toda sua maneira de ser e agir são fatos comunicativos. Ele é o comunicador perfeito, que em sua vida, palavras

e gestos, revela a face de um Deus que não se cansa de conquistar e reconquistar o ser humano, enchendo-o de esperança e dando sentido à sua existência.

O Espírito e a Igreja

A partir do que acima foi dito, podemos dizer que o Espírito Santo é o elo de amor eterno entre o Pai e o Filho. Conforme professam os cristãos no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, ele é o Senhor que dá vida. Ele distribui e renova a vida, e, como tal, ele o realiza precisamente enquanto agente de comunhão e comunicação. Ele reparte dons, virtudes e carismas entre os homens para o serviço (ICor 12, 4-11). Ele garante a unidade da Igreja. Os homens o recebem quando estão juntos (At 2,1ss). E conforme nos diz Congar: “[...] Se se recebe o Espírito quando se está junto, não é porque há um só corpo que há um só Espírito; é porque há um só Espírito de Cristo que há um só corpo, que é o Corpo de Cristo.”³¹ No pensamento deste autor, a Igreja não é uma grande estrutura onde cada indivíduo seria apenas a soma de um milhão dividido por um milhão. A Igreja é uma comunhão, uma fraternidade de pessoas. Nela se une, pois, um princípio pessoal e um princípio de unidade. É o Espírito Santo que lhes garante a harmonia.³²

É o Espírito Santo quem age silenciosamente nos corações que se abrem à sua obra, configurando-os ao Cristo profeta, sacerdote e rei. Sua principal missão é gerar comunhão. Ele a realiza no interior da Trindade, mas transborda esta sua missão para além da realidade intratrinitária, ou seja, para o contexto da criação.

Daí podermos afirmar que a encarnação é o centro de toda a comunicação da mensagem salvífica e que a presença constante do Espírito Santo na história humana torna este processo de salvação sempre dinâmico e atualizado.

³¹ CONGAR, Y. *Ele é o senhor e dá vida*. (Creio no Espírito Santo II). São Paulo: Paulinas, 2005, p. 30.

³² Cf. *ibid.*, p. 31.

O Espírito Santo se revela, ao lado de Cristo, como o missionário por excelência,³³ como comunicador contínuo da mensagem evangélica pelo mundo, em todos os tempos e lugares, através da Igreja, reunindo homens e mulheres, de todas as raças, cores e condições sociais que, inspirados e amparados por esta força divina, princípio eterno de comunhão, se tornam também eles arautos dos mistérios do Reino anunciado por Cristo.

Pentecostes é evento que torna pública a Igreja como continuadora da obra de Cristo no mundo, pela ação do Espírito Santo. Tal acontecimento se reveste de um caráter comunicativo: onde Deus se revela à Igreja e, ao mesmo tempo, lhe desvela sua missão diante do vasto terreno do mundo, com a multiplicidade de raças, línguas e culturas nele espalhadas, fazendo de cada cristão (e destes reunidos em comunidade eclesial), um perpetuador da práxis libertadora do Mestre.

O Espírito Santo é, portanto e sempre em união com o Cristo, o princípio supremo de comunhão, que é a meta última de toda comunicação. A missão comunicadora da terceira Pessoa da Trindade na história humana ultrapassa as fronteiras da memória, do ensinamento e da instrução. Sua função comunicadora engloba as relações de comunicação interna ou os laços de comunhão no interior da comunidade.³⁴ É Ele quem faz da Igreja um mistério de comunhão, sinal do Reino e continuadora da missão de Cristo.

Em poucas palavras, a Igreja desejada por Deus Pai, concretizada pelo Verbo e manifestada pelo Espírito Santo assume a missão de Cristo, a qual é continuada pelos Apóstolos, para levar as pessoas à comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.³⁵

A identidade da Igreja consiste em ser comunicadora do Evangelho. A fundação da Igreja por Cristo, em seu sentido mais profundo, significa que faz dela seu corpo na história, continuadora da sua

³³ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptoris Missio*. (1990). São Paulo: Paulinas, 1991, n. 21.

³⁴ Cf. Díez, F. M. Op. cit., p. 279.

³⁵ Cf. PORRECA, W. *Famílias em segunda união: questões pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 145.

missão.³⁶ Embora, no decorrer da história, este aspecto essencial da vida da Igreja, que é a missão de evangelizar, tenha assumido roupagens nem sempre fiéis ao mandato de Cristo, ou no mínimo fragmentadas, a compreensão da missão hoje, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, acontece em sua totalidade. Em outras palavras, a missão da Igreja é ser sinal da salvação de Cristo para toda humanidade. Ela não é o Reino de Deus, mas sinal deste Reino, contribuindo de forma privilegiada pela libertação e salvação da humanidade. Salvação esta que engloba todas as pessoas humanas e a pessoa humana inteira, em sua realidade pessoal e comunitária: “a libertação e a salvação, oferecidas pelo Reino de Deus, atingem a pessoa humana tanto nas suas dimensões físicas como espirituais.”³⁷ João Paulo II continua dizendo:

[...] A Igreja contribui com o seu testemunho e atividade, expressa no diálogo, na promoção humana, no compromisso pela paz e pela justiça, na educação, no cuidado dos doentes, na assistência aos pobres e mais pequenos, mantendo sempre firme a prioridade das realidades transcendentais e espirituais, premissas da salvação escatológica.³⁸

Fica explícito, por este viés, que não se pode separar a vida cultural da Igreja (e, portanto de todo cristão) de seu compromisso com a realidade humana que a cerca. Compete à Igreja ser mediação humana do agir divino ao proclamar a mensagem evangélica. Sua missão consiste em atualizar no mundo – em todo tempo e lugar, sempre atenta ao contexto no qual está inserida, aos sofrimentos e alegrias dos homens e mulheres aos quais é enviada –, os gestos de Jesus que inauguraram o Reino de Deus sobre a terra e que ao mesmo tempo preparam a humanidade para o Reino escatológico. Como mãe e mestra, a Igreja sabe que esta esperança escatológica não diminui em nada a importância das tarefas terrenas, mas, ao contrário, confere-lhes um

³⁶ Cf. SOBRINO, John. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1981, p. 260.

³⁷ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptoris Missio*. (1990). São Paulo: Paulinas, 1991, n. 14.

³⁸ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptoris Missio*. (1990). São Paulo: Paulinas, 1991, n. 20.

motivo e um sentido superiores, professa com convicção que todos os seres humanos, independentemente de sua fé, precisam se empenhar a fundo na edificação do mundo como de um templo.³⁹

De maneira permanente, a Igreja, como dispensadora das graças da redenção, deve ser sacramento, isto é, signo de Cristo no mundo. A Igreja e o mundo devem buscar o diálogo, a parceria, a reciprocidade, dar as mãos em busca do bem comum de todos os homens concretamente.⁴⁰

Em todas estas epifanias reconhecemos a Trindade Econômica, ou seja, Deus que, no imenso desígnio de seu amor, procura se manifestar ao mundo no decorrer da história, com o intuito de não só comunicar-se com os seres humanos, mas também contribuindo para que a comunicação entre eles seja profundamente marcada por este amor que emana da vida intratrinitária.

Considerações finais

Criado, portanto, à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), o ser humano está destinado a imitar, ainda que de modo imperfeito, esta comunicação intratrinitária vivida de modo perfeito pelas três Pessoas Divinas. Somos levados a admitir que nosso paradigma de comunicação encontra-se no interior da Trindade. É sobre esta base teológica que o ser humano deve construir a sua ação comunicadora, e isso não só referindo-se aos grandes meios de comunicação, mas começando em suas relações interpessoais e cotidianas.

Quanto mais as técnicas e a capacidade do ser humano de se comunicar progredirem, mais nos damos conta do quanto aquilo que é veiculado pelos mais modernos meios de comunicação é capaz de influenciar a vida e o comportamento de milhões de pessoas,

³⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. (1965). In: COMPÊNDIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 40.

⁴⁰ LORO, T. J. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: esforço para dialogar com o mundo. Religião e Cultura: Departamento de Ciências da Religião – Faculdade de Ciências Sociais – PUC-SP*, São Paulo: Paulinas, v. 9, n. 17, p. 9-23, [jan/jun] 2010, p. 14.

espalhadas por todo globo. De fato, “os meios de comunicação, com os seus rápidos progressos, vão abatendo barreiras que o espaço e o tempo levantaram entre os homens.”⁴¹ Se os conteúdos aí transmitidos são conduzidos pela solidariedade e pela justiça, pelo respeito e pela acolhida mútua, pela caridade na verdade, toda a humanidade é atingida, todo o globo é beneficiado por estes valores que tornam a vida mais agradável e fraterna, independentemente da cultura, da língua, da etnia e religião dos povos.

O contrário também é verdade. O dom da comunicação que o gênero humano lega da Trindade também pode ser influenciado por suas contradições e intenções menos nobres, colocando em risco não somente sua própria vida, como também a vida dos outros, desvirtuando os fins próprios da comunicação que são, de modo particular: a verdade, o bem comum e a dignidade da pessoa humana. A ética cristã – entendida como os princípios eternos vividos pela Trindade, no seu modo de se autocomunicar, tais como: o amor, a justiça e a verdade, que se desdobram em comunhão, em respeito pela diversidade e em valorização do outro, em liberdade, em gratuidade e solidariedade – deve inspirar o modo de a humanidade vivenciar o dom da comunicação para que o mundo seja de fato expressão do amor de Deus.

Neste sentido, acreditamos que a busca deste paradigma de comunicação, não é uma exclusividade da Igreja ou dos cristãos em geral. Trata-se de um patrimônio que pode ser difundido e assimilado pela sociedade como um todo e aqui, de modo especial, por aqueles que se aplicam ao serviço da comunicação, já que visa o bem comum e respeito pela dignidade de cada pessoa humana, independentemente de sua raça, cor, religião, condição social e tantos outros aspectos da vida humana.

A partir do que até agora dissemos, podemos concluir afirmando que a existência humana alcançará seu verdadeiro fim à medida que o ser humano pautar sua vida por uma comunicação que seja expressão de amor, que gere fraternidade e solidariedade. A Trindade será sempre a pedra fundamental sobre a qual o ser humano é chamado a

⁴¹ *Communio et Progressio*, n. 20.

construir e desenvolver sua capacidade de comunicação.⁴² É a partir deste paradigma que a humanidade é chamada a fazer da experiência humana familiar e social um reflexo da circulação pericorética do amor do Deus de Jesus Cristo.

Bibliografia

- BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COMISSÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Communio et Progressio: sobre os Meios de Comunicação Social*. (1971). São Paulo: Edições Paulinas, 1971.
- COMPÊNDIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. (1965). In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONGAR, Y. *Ele é o senhor e dá vida*. (Creio no Espírito Santo II). São Paulo: Paulinas, 2005.
- DECOS-CELAM. *Para uma Teologia da comunicação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DÍEZ, F. M. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- DOS SANTOS, R. E. *As teorias da comunicação: da fala à internet*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ESPAÇOS, SÃO PAULO, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 31-43, [junho] 1994.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Redemptoris Missio*. (1990). São Paulo: Paulinas, 1991.
- LASCOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Edições Loyola, 2004.
- LORO, T. J. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: esforço para dialogar com o mundo. *Religião e Cultura: Departamento de Ciências da Religião – Faculdade de Ciências Sociais – PUC-SP*, São Paulo: Paulinas, v. 9, n. 17, p. 9-23, [jan/jun] 2010.
- MARCONDES FILHO, C. (org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

⁴² Cf. PUNTEL, J. T. Teologia da comunicação e os desafios da evangelização inculturada. *Espaços*, São Paulo, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 31-43, [junho] 1994, p. 31-43.

- NOLAN, A. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PORRECA, W. *Famílias em segunda união: questões pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- PUNTEL, J. T. Teologia da comunicação e os desafios da evangelização inculturada. *Espaços, São Paulo*, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 31-43, [junho] 1994.
- REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA (REB), Petrópolis, v. 67, n. 266, [abr.] 2007, p. 269-304.
- SOBRINO, John. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.